

Retratos de mulher, retrato do Brasil

Vera Alice Cardoso Silva*

QUINTANEIRO, Tânia. **Retratos de mulher;** o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar dos viajeros do século XIX. Petrópolis: Vozes, 1993 - 243 páginas .

O lugar da mulher na trama das relações sociais é tema que tem interessado a um público cada vez maior, dentro e fora do mundo acadêmico. A motivação deste interesse é variada, mas é sempre criativa, no sentido de que tem permitido desvendar fontes de dados e abordagens alternativas que vão constituindo um acervo de conhecimento que de muito extrapola o campo convencional da ciência social.

É nesta dimensão de um olhar curioso, inteligente, simpático ao tema e pouco restringido pelas normas do trabalho acadêmico que se coloca o livro da socióloga mineira Tânia Quintaneiro, intitulado **Retratos de mulher - o cotidiano feminino no Brasil sob o olhar dos viajeros do século XIX**.

A autora preocupou-se pouco em confrontar as opiniões e avaliações emitidas por viajantes ingleses, franceses, alemães e norte-americanos, que residiram ou passaram longas temporadas no Brasil, durante o século XIX, com a pesquisa histórica baseada em outro tipo de fonte de informação. Seu desejo foi o de mostrar como o lugar da mulher foi visto, analisado e interpretado à luz da experiência de observadores atentos, provenientes de culturas inteiramente diferentes da que se construía na nova nação.

Como resultado de leitura sofisticada e perpicaz dos relatos dos viajantes, Tânia Quintaneiro foi capaz de ir muito além da simples descrição das formas de vida e de relacionamento social, focalizando as situações próprias de mulheres brancas, negras mestiças. De fato, acabou por pintar um retrato

* Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, doutora em História pela Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign.

do Brasil arcaico, fundado na economia agrária e no domínio político e social de um senhoriato rural que se comportava como casta dominante sem sentir-se compelido à obediência aos parceiros da "honra estamental", que deu o sentido ético à sociedade feudal européia.

O livre olhar da autora percorreu as visões dos viajantes sobre a sociedade brasileira do início ao final do século XIX, o que lhe permitiu acompanhar o movimento de mudança nas instituições sociais e a gradativa ampliação dos espaços de autonomia das mulheres brasileiras. Pode-se ver como foram sendo alteradas as regras e os valores disciplinadores do casamento, das relações entre os sexos, da educação, do conteúdo dos papéis da mulher na família, na economia, na economia e na convivência social em geral. As mentalidades foram transformando-se, mas não a ponto de se poder reconhecer, no final do século, a presença de uma mulher liberada dos preconceitos e das limitações que a colocavam como um ser inferior, sem direito à liberdade de ir e vir, de se educar e de se manifestar em público; em suma, de realizar-se como individualidade moderna.

A autora assinalou a crítica dura que, em geral, caracterizava a opinião do estrangeiro educado sobre as instituições sociais brasileiras. Preocupou-se, no entanto, em demonstrar que a origem desta crítica era a referência cultural do próprio país do viajante, onde não havia a escravidão e onde a vida urbana já passara a ser o foco dinâmico da mudança nas mentalidades e nas relações sociais. Nesse sentido, o livro tem um claro mérito na contribuição que traz para a história comparativa.

Nessa perspectiva destaca-se o cuidado que teve a autora de identificar os lugares das mulheres brancas, negras e mestiças na trama do cotidiano nas cidades do interior, nas fazendas e na grande cidade do Rio de Janeiro. O quadro que daí emerge é o de uma sociedade paradoxal. Ao mesmo tempo que é fortemente hierarquizada, havendo delimitações sociais externamente restritas dos deveres e prerrogativas dos indivíduos, é também perigosamente frouxa nas forma de controle das relações entre as castas (brancos, negros e mestiços) no âmbito de instituições tão básicas como o casamento e a educação das crianças.

Aos olhos dos viajantes, o modo como os brasileiros conviviam com a escravidão no cotidiano corrompia todas as instituições e as próprias pessoas. A autora foi cuidadosa na reiteração de citações que evidenciam a opinião de que a promiscuidade tanto física quanto social - entre brancos, negros e mestiços contribuía para perpetuar formas eticamente degradantes de organização da vida social. Por ter escravos à sua disposição, a mulher branca não se envolveu responsabilmente com a estruturação da família, da economia doméstica, da educação dos filhos. Dedicou-se à frivolidades, tendeu a engordar excessivamente após o casamento e normalmente fechou os olhos ao vínculo sexual do marido com escravas de seu convívio

cotidiano. A escrava foi objeto sexual, ama dos filhos da branca, que eram educados por ela junto com os seus próprios, até que a separação social levasse os primeiros para o internato e os segundos para o eito ou para os fundos da casa. A mestiça não teve lugar socialmente definido, vivendo à mercê das poucas oportunidades de trabalho e de casamento oferecidas pela "sociedade dos senhores". Nem mesmo a mulher branca, filha de "boa família", gozava de reconhecimento social por mérito próprio. Passava da infância para a idade adulta através do casamento precoce, decidido pelo pai, sem quase experimentar a transação física e emocional tão complexa que veio a ser, mais tarde, culturalmente associada à adolescência.

Nos relatos de situações existenciais das mulheres brasileiras, pintados pela autora com as cores e contornos que retira dos relatos dos viajantes, fica refletida uma sociedade de horizontes mesquinhos, em nada favorecedores da individualidade e do aperfeiçoamento moral das pessoas.

As mudanças nas instituições e mentalidades assinaladas pelos viajantes das últimas décadas do século XIX certamente estão associadas ao final da escravidão e ao desenvolvimento da vida urbana, como conclui a autora. Mas, ela mesma comenta a lentidão e a superficialidade de tais mudanças, de tal modo que muitas das limitações próprias da vida feminina no Brasil do século passado não foram ainda superadas neste final do século XX.

O livro de Tânia Quintaneiro é estimulante para pensar no ser mulher no Brasil, o que era e continua a ser ainda, em boa medida, um grande desafio.

Vale um último comentário: o livro é tão bem escrito e bem concebido, que se pode lê-lo quase como "romance de costumes" ou crônica social. É certamente ótima leitura tanto para o público acadêmico, como para o público em geral.